

**O PROJETO LITERÁRIO DE CAROLINA MARIA DE JESUS: proposta de edição
crítica de um romance inédito**

Aline Alves Arruda¹

RESUMO

Esta pequena exposição pretende apresentar meu projeto de pesquisa no doutorado em Literatura Brasileira na UFMG que tem como tema a escritora Carolina Maria de Jesus. Este estudo tem como objetivo analisar a obra da autora mineira a partir de sua ideia de projeto literário, configurado por suas pretensões literárias representadas por sua obra publicada, que tem no diário *Quarto de despejo* o exemplo mais conhecido, até sua obra inédita, formada por romances, diários, entre outras manifestações.

INTRODUÇÃO

Carolina Maria de Jesus (1914 – 1977) nasceu em Sacramento – MG e ficou conhecida em 1960 pela publicação de seu livro *Quarto de despejo*, um diário que conta sua vida na favela do Canindé, em São Paulo, onde viveu por nove anos, desde 1947. “Descoberta” pelo jornalista Audálio Dantas, Carolina ficou famosa, teve o livro editado sete vezes² só no ano de lançamento, e traduzido em 13 línguas. Elzira Divina Pérpetua, em sua tese *Traços de Carolina Maria de Jesus: gênese, tradução e recepção de Quarto de Despejo*, defendida na UFMG em 2000, comenta que o livro ficou na lista dos mais vendidos no ano de seu lançamento. A autora cita dados da revista *O Cruzeiro*, de setembro de 1960, para mostrar que Carolina esteve ao lado de autores como Bertrand Russel, Marechal Montgomery, Graham Greene e Jean-Paul Sartre (ela em primeiro e os outros sucessivamente) (Pérpetua, 2000, p. 36).

¹ Professora do IFSULDEMINAS, Câmpus Inconfidentes. Doutoranda em Literatura Brasileira pela UFMG.

² O livro foi publicado pela primeira vez em 1960. Só nesse ano a editora Francisco Alves publicou sete edições de *Quarto de despejo*. Em 1963, saiu nova edição pela mesma editora. Em 1976 houve duas edições publicadas pela Ediouro; em 1983, outra novamente pela Francisco Alves; em 1990, uma pela Círculo do Livro; em 1993, pela Ática; que já o editou 5 vezes desde então.

Uma peça de teatro foi montada em 1961 baseada em *Quarto de despejo*, dirigida por Amir Haddad e estrelada por Ruth de Souza. A atriz confessa no livro *Ruth de Souza: estrela negra*, de Maria Ângela de Jesus, que foi uma experiência muito importante para sua carreira. Ela repetiu o papel em 1983, em um episódio do *Caso verdade*, na Rede Globo. Em sua biografia a atriz afirma que foi um dos melhores trabalhos que fez na televisão, pois “era um ótimo papel, interpretando uma pessoa viva, e com uma produção extremamente caprichada da Rede Globo” (2007, p. 62).

Entretanto, assim como foi rápida a ascensão da escritora, foi também a queda. Um ano depois ela já era quase esquecida dos brasileiros, apesar da publicação de um novo livro *Casa de alvenaria*, em 1961, aliás, bem pouco vendido.

Além dos dois livros citados, Carolina Maria de Jesus escreveu ainda *Pedaços da fome* (1963), *Provérbios* (1977), *Diário de Bitita* (1986) e *Meu estranho diário* (1996). Além da obra publicada, há na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, e na sede da Associação Edgard Leuenroth, na Unicamp, uma coleção de dez rolos do “Projeto Carolina de Jesus”, que contém microfilmes de manuscritos, em sua maior parte, inéditos. Nos rolos microfilmados podemos encontrar uma variedade de escritos de Carolina: peças de teatro, anotações, pensamentos, diários, letras de músicas, contos e romances inéditos. Estive na Biblioteca Nacional e na AEL e conferi pessoalmente parte desse acervo, o qual me proponho neste projeto pesquisar. São centenas de páginas dos cadernos em que a escritora mistura anotações do dia a dia, como listas de compras com passagens de diário e textos em verso e de ficção. Cada rolo microfilmado em parceria com a biblioteca de Washington tem uma média de três ou quatro cadernos. Neles localizamos trechos escolhidos por Audálio para serem publicados em *Quarto de despejo* e em outros diários, e também textos de ficção inéditos, os quais me interessam nessa pesquisa, especialmente os romances. Um dos romances é sem título, os outros são: “Dr. Sílvio”, “Dr. Fausto” e “Diário de Martha ou mulher diabólica”.

MATERIAL E MÉTODOS

Devido à natureza do trabalho, a metodologia inclui, num primeiro momento, visitas à AEL a fim de continuar lendo e copiando os microfilmes com os manuscritos de

Carolina Maria de Jesus. Nas duas primeiras visitas à Biblioteca Nacional, foi possível identificar os rolos de arquivo e fazer a leitura de alguns textos, entre eles o romance sem título citado na justificativa deste projeto e o romance *Dr. Sílvio*, além dos manuscritos de alguns diários. As outras visitas foram feitas à Unicamp, devido à proximidade de minha residência atual.

No que se refere à pesquisa bibliográfica, será utilizada a teoria referente à literatura de autoria feminina e teoria literária sobre escritoras afro-brasileiras como *Vozes em dissonância: mulheres, memória e nação*, de Kátia Bezerra, *Mulheres em ação – práticas discursivas, práticas políticas*, de Tania Navarro Swain e Diva do Couto G. Muniz (orgs.), *Gênero em questão: ensaios de literatura e outros discursos*, organizado por Antonio de Pádua Dias da Silva, entre outros.

Quanto à literatura afro-brasileira, usarei os teóricos que conceituam essa literatura e aqueles que tratam da diáspora negra, como *Brasil Afro-brasileiro e Poéticas Afro-brasileiras*, organizados pela professora Maria Nazareth Fonseca; o texto “Literatura e Afro-descendência”, de Eduardo de Assis Duarte; o livro *Atlântico Negro*, de Paul Gilroy; e os livros de Stuart Hall, *Da diáspora* e *A identidade cultural na pós-modernidade*, entre outros.

A bibliografia crítica sobre a autora também será de grande valia, como as já citadas teses das professoras: Maria Madalena Magnabosco, Elzira Divina Perpétua e Germana Souza. Há também os textos de Audálio Dantas, os da professora Marisa Lajolo e as biografias de Levine e Meihy; de Castro e Machado e a mais recente, de Rufino.

Para as questões sobre a memória e arquivo literário pretendo usar o livro de Paul Ricoeur, *A memória, a história, o esquecimento*; o livro da teórica Beatriz Sarlo, *Tempo passado: cultura da memória e guinada objetiva*; o clássico *Mal de arquivo*, de Jacques Derrida; *Arquivos literários*, organizado por Eneida Maria de Souza e Wander Melo Miranda; “O arquivo literário como figura epistemológica”, de Reinaldo Marques; e *O pacto autobiográfico*, de Philippe Lejeune, *Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica*, de Eneida Maria de Souza. Certamente, pretendo aumentar o referencial teórico durante a pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escrita de Carolina é pungente, forte, densa, daquelas que incomodam e encantam ao mesmo tempo. *Quarto de despejo*, seu *best seller*, é um exemplo claro de sua literatura cortante. O diário, editado por Audálio Dantas, compreende os escritos de Carolina datados de 15 de julho de 1955 até 1º de janeiro de 1960, com um salto de julho de 1955 retomado a maio de 1958. Nele, Carolina retrata sua indignação com o país em que vivia, o qual permitia que grande parte de sua população passasse fome. E ela, a fome, é companheira inseparável de Carolina em seu diário, assunto repetido diversas vezes, quase diariamente, a ponto de Carolina concluir: “O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora” (Jesus, 2000, p. 26). A consciência que a escritora demonstra diante das condições políticas e históricas que a levaram, como a muitos, ao quarto de despejo da favela, é surpreendente. Na primeira página do diário, a escritora comenta que chegou em casa depois do trabalho e corrige: “aliás, no meu barracão”. Mais adiante explica a metáfora que dá título ao seu livro: “Eu classifico São Paulo assim: O Palácio é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos” (p. 28). Contra esse quintal a escritora fará muitos comentários e usará sua escrita como arma de denúncia: “Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa” (p. 17).

Para a autora mineira, definitivamente a escrita era uma necessidade. Quando contou a Audálio Dantas que escrevia, o repórter não imaginava encontrar naquele barraco da Rua A, na favela do Canindé, aproximadamente vinte cadernos encardidos que revelavam o dia a dia da favela a partir do ponto de vista de alguém de dentro. Em diversos momentos de *Quarto de despejo*, Carolina revela ao leitor seus instantes de escrita, de madrugada, sentada na calçada, cercada de curiosos que talvez duvidassem de seu talento e odiada por vizinhos que temiam ter publicadas suas histórias. Não é à toa que Carolina revela preferir os livros a um marido ou a um copo de cachaça, como muitos que a invejavam. A escritora parecia buscar na fragmentação do diário a unidade que precisava para continuar a viver.

CONCLUSÕES

Nas leituras da obra inédita de Carolina fiquei surpresa ao encontrar, entre os dez rolos de microfimes, um material inédito vasto e rico, especialmente os romances, e por isso surgiu o desejo de tornar esses escritos públicos e dedicar a eles uma pesquisa atenta e um estudo mais profundo.

Os manuscritos não publicados de Carolina são arquivos que representam sua memória literária; sua preservação equivale a resgatar parte da história da literatura brasileira do século XX que, se por um lado, era marcada por autores como Clarice Lispector e Guimarães Rosa na sala de visitas, no quarto de despejo tinha Carolina como representante de uma memória coletiva.

Este projeto pretende, portanto, fazer uma leitura como um todo da obra da autora, inclusive dos seus romances inéditos: “Dr. Sílvio”, “Dr. Fausto”, “Diário de Martha ou mulher diabólica” e do sem título. Entendemos que a obra da autora possui um fio condutor que revela um “projeto literário”. Esse nítido fio pode nos mostrar um projeto literário dos mais interessantes, feito de reflexões, denúncias e reivindicações, que praticamente atravessa toda sua escrita.

Para além desse estudo da obra em sua totalidade, pretendo também preparar a edição crítica de um dos romances inéditos, e, assim, usarei a teoria dos arquivos literários, passando pelo arcabouço teórico da crítica genética e da crítica biográfica.

Pretendo utilizar o conceito de arquivo conforme já anunciado por Foucault, como “um sistema de discursos que encerra possibilidades enunciativas agrupadas em figuras distintas, compostas umas com as outras segundo relações múltiplas e mantidas ou não conforme regularidades específicas” (2008, p. 147). Dessa forma, de acordo com o professor Wander Miranda, o arquivo não é simplesmente um amontoado de textos reduzido apenas à memória ou à contribuição cultural, mas sim um emaranhado de textos reunidos pela própria autora e cuidadosamente escritos com o objetivo de, neste caso, uma publicação que não se realizou em vida, devido aos percalços passados pela escritora que a legaram ao esquecimento. Nosso objetivo ao ler os inéditos de Carolina com parte de seu projeto literário e a intenção de preparar uma futura edição crítica, é, além de trazer o passado ao presente, “infundir outra vida” (Miranda, 2003, p. 38) aos arquivos de Carolina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, Eliana de Moura; MACHADO, Marília Novais de Mata. *Muito bem, Carolina!* Biografia de Carolina Maria de Jesus. Belo Horizonte: C / Arte, 2007.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*. São Paulo: Ática, 2000.

LEVINE, Robert M.; MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

MAGNABOSCO, Maria Madalena. *Reconstruindo imaginários femininos através dos testemunhos de Carolina Maria de Jesus: um estudo sobre gênero*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2002. 267p. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2002.

PERPÉTUA, Elzira Divina. *Traços de Carolina Maria de Jesus: gênese, tradução e recepção de Quarto de despejo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2000, 367 p. Tese (Doutorado em Literatura Comparada).